
SAÚDE MENTAL E COVID-19 EM MÍDIAS DIGITAIS

Laura Reichert Dalcin

João Leite Ferreira Neto

O ano de 2020 iniciou-se com uma crise de saúde em escala global. No fim de dezembro de 2019, uma série de casos de pneumonia eclodiram na cidade de Wuhan, na China. A etiologia dos quadros foi anunciada em janeiro de 2020 como sendo um novo tipo de coronavírus, fazendo com que a doença fosse denominada covid-19 (SILVA; TAVARES, 2020).

Após número crescente de casos, dentro e fora dos territórios chineses, o Brasil teve sua primeira ocorrência de contágio registrada em fevereiro de 2020, o que levou o Ministério da Saúde a regulamentar o isolamento social como estratégia para conter a pandemia no território nacional (MACEDO *et al.*, 2020). Com base em classificações de risco, estados e municípios aderiram a diferentes formas de isolamento, em diversas ocasiões da pandemia. No dia 22 de junho de 2020, momento em que este artigo está sendo escrito, mais de 50 mil brasileiros já haviam morrido em função da doença (BRASIL, 2020a). Segundo Bedford *et al.* (2020), o isolamento social é uma estratégia extremamente necessária para o gerenciamento da atual crise. Contudo, muitos não compreendem a importância dessas orientações ou se recusam a aceitar tais medidas (DA SILVA *et al.*, 2020).

As mudanças impostas pela pandemia exigiram da população isolada um processo de luto pelas diversas perdas impostas de forma repentina e compulsória. Alguns elementos como a falta de suprimentos no início do isolamento; imprecisão de informações veiculadas pela mídia; perdas financeiras decorrentes da interrupção das atividades laborais; adiamento de projetos, como festas de formaturas, viagens e casamentos; e incertezas em relação ao retorno à vida normal provocaram sentimentos e reações diversas em toda a população.

Dentro da perspectiva da saúde mental, Moukadamm e Shah (2020) destacam que a disseminação do vírus por tantos países contribuiu para o aumento de sentimentos de preocupação e pânico entre as pessoas que se sentem ameaçadas pelo risco de contágio. Além disso, o impacto negativo da quarentena pode acarretar sintomas de estresse pós-traumático, confusão e raiva (BROOKS *et al.*, 2020).

Nesse contexto, as mídias digitais assumiram um protagonismo importante devido à recorrente busca por informações diante do desconhecido. Logo, algumas especificidades, como a imprecisão das informações veiculadas e o excesso de conteúdo, devem ser consideradas como pontos de análise dessas plataformas (BROOKS *et al.*, 2020).

Os meios de informação e comunicação têm constantemente emitido conteúdos informativos relacionados à covid-19. Nos primeiros meses após a confirmação do primeiro caso no Brasil, tópicos relativos à doença foram prevalentes. Normalmente, as notícias eram sobre morte, doença e problemas de enfrentamento da crise de saúde e de trabalho. Se, por um lado, elas ajudam a manter a população informada e contribuem com a conscientização necessária para a adoção das medidas protetivas, também podem propagar medo e pânico. Entre os meios de comunicação em massa, as redes sociais ganharam destaque durante a pandemia.

Estudo realizado na China aponta que a propagação do medo e da ansiedade por meio de informações nas redes sociais contribuiu para o aumento do sofrimento psicológico. Foi identificado um crescimento de sintomas

depressivos e de ansiedade, associados ao maior uso dessas plataformas durante o confinamento (GAO *et al.*, 2020). Algumas especificidades, como o compartilhamento de notícias falsas, o excesso de informações divulgadas em tempo real e o compartilhamento de sentimentos negativos (medo, preocupação, nervosismo e ansiedade por parte dos internautas), fazem desse meio cibernético um fator de potencial risco à saúde mental (GAO *et al.*, 2020).

Prado (2013) afirma que a imprensa atua na sociedade como um dispositivo biopolítico, pois utiliza um conjunto de narrativas repletas de apelos e significados do universo cotidiano, capturando o ouvinte e extraindo dele respostas. De acordo com Foucault, o dispositivo é uma tecnologia de poder que opera através de um determinado jogo de verdades (FOUCAULT, 2008). Sendo assim, entende-se que a imprensa utiliza sua posição de autoridade e saber para orientar construções de vidas (PRADO, 2013).

O panorama apresentado exige a produção de conhecimento da comunidade científica, tanto das áreas biomédicas quanto das ciências humanas e sociais, a fim de preservar a saúde mental dentro desse cenário tão complexo de perdas e sofrimento. A falta de estudos sobre os efeitos das mídias digitais na saúde mental dos brasileiros, expostos à pandemia, justifica a relevância deste trabalho, que busca entender como as informações divulgadas estão sendo subjetivadas e quais são esses efeitos. A fim de alcançar esse objetivo, foram analisadas as manifestações expressas em fóruns de páginas jornalísticas dentro da rede social Facebook, durante um breve período da pandemia no Brasil.

Metodologia

Foi utilizada uma estratégia de análise das mídias digitais dentro de uma das redes sociais mais utilizadas no Brasil, o Facebook (RIBEIRO, 2019). De 02 de abril a 18 de junho, foram realizadas capturas de tela, duas vezes por semana, de publicações feitas no Facebook pelos seguintes portais: G1, R7, Estadão, Terra, Veja e BBC News. Todas essas páginas são reconhecidas por serem veículos oficiais de jornalismo, que seguem princípios editoriais e normas que garantem a qualidade da informação. Além disso, possuem

grande alcance informativo, com milhares de seguidores nas redes sociais. Os conteúdos começaram a ser coletados para esta pesquisa pouco menos de um mês após o primeiro caso de contaminação em solo brasileiro, mas a velocidade da disseminação já havia feito, no final de abril, cerca de 6.006 mortes. No final de maio, o número de óbitos já era de 29.341 pessoas (PAINEL CORONAVÍRUS, 2020).

Foram utilizadas apenas publicações com conteúdos relacionados aos temas covid-19, isolamento social e pandemia. Os comentários dos internautas analisados se enquadravam nos critérios: manifestação de pensamentos, sentimentos e comportamentos (modos de enfrentamento) relacionados aos temas escolhidos, priorizando aqueles escritos na primeira pessoa do singular ou do plural. As identidades dos internautas foram preservadas, com a utilização de nomes fictícios para evitar possíveis constrangimentos. Foram excluídos todos os comentários com conteúdo político de cunho partidário. Também foram analisados os números de curtidas recebidas em cada comentário e a imagem que estampava determinada matéria.

Para o estudo desses dados, utilizamos a análise temática de conteúdo do tipo indutiva. Essa abordagem “não pretende partir de uma grade pronta de categorias ou temas para analisar os dados” (SOUZA, 2019, p. 53). Após a leitura do material, foram criadas unidades de registro, unidades de contexto, trechos significativos e categorias, conforme os objetivos do estudo (SOUZA, 2019). Foram criadas duas categorias que caracterizam esses conteúdos: desconfiança frente às informações e distorções; e pânico gerado pelas notícias alarmistas. No total, foram utilizados para a pesquisa 10 publicações e 40 comentários.

Resultados

A desconfiança frente às informações

A partir da leitura dos materiais coletados, percebemos uma primeira categoria dos conteúdos, relacionada ao desconforto gerado pelas matérias

acerca do coronavírus, contemplando sentimentos de desconfiança. Algumas expressões, retiradas dos próprios comentários, representam essa ideia, por exemplo: *fake news*; descaso; desrespeito; omitem; falsas; transparência; verdade; certeza. A seguir, serão descritos alguns deles dentro do contexto do qual foram retirados.

A matéria realizada pelo G1, em 07 de junho¹, anuncia “Secretários de saúde lançam site com divulgação ‘paralela’ de dados da Covid-19 e atualização até 17h”. Em reação, a leitora Ananda declarou:

Ainda bem que os gestores estaduais e municipais decidiram respeitar a população, porque a parte de informações por parte da esfera federal mostra apenas descaso com todos nós que pagamos impostos tão caros para sermos negligenciados e desrespeitados dessa forma (*sic*).

Ana Paula cobrou mais informações sobre a real situação: “Queremos transparência nos números de vítimas do coronavírus”, seu comentário obteve 71 curtidas, o que pode ser interpretado como uma validação dos demais leitores. Uma publicação de 18 de junho², feita pelo G1, sobre o uso de corticoide agravar as complicações da covid-19, continha 1,2 mil curtidas e 264 comentários. Entre eles, o de Fernanda, que desabafou: “[...] esse negócio já tá virando paranoia. Parece um combinado. Presta *vs* não presta, foi a Globo que disse, hoje é uma coisa amanhã já é outra...” (*sic*). O comentário da leitora expressa uma certa confusão com relação a falta de consistência das informações, que são muito voláteis.

Além do desconforto gerado com as omissões e distorções das informações, outro fenômeno acentuou a desconfiança em relação aos conteúdos que

1 Secretários de saúde lançam site com divulgação ‘paralela’ de dados da Covid-19 e atualização até 17h. Disponível em: <https://www.facebook.com/g1/posts/4043270889058299>. Acesso em: 8 jun. 2020.

2 Automedicação com corticoide pode diminuir defesa do corpo e agravar complicações da Covid-19. Disponível em: <https://www.facebook.com/g1/posts/4077059582346096>. Acesso em: 18 jun. 2020.

circulam pelos ambientes midiáticos digitais: as notícias falsas, conhecidas como *fake news*. Em matéria da BBC NEWS, de 13 de maio³, sobre vídeos falsos de caixões vazios utilizados por políticos para arrecadar verbas, Ellis relatou “Minha mãe... é uma dessas pessoas que recebeu, acreditou e nada do que eu disse e tentei explicar funcionou. As pessoas são malvadas, se aproveitam da simplicidade e humildade de outras e criam essas tragédias” (*sic*).

Já Francisco afirmou não acreditar nos dados divulgados pela imprensa. Em matéria do Estadão do dia 02 de abril⁴, sobre estados que admitiram enterrar corpos sem laudos de covid-19, o leitor declara: “Acredito que 80% das mortes na mídia dizendo ser no corona não são, estão querendo fazer números, a maioria são idosos com doenças terminais” (*sic*).

Ainda na matéria sobre o uso de corticoides, Daniela questionou: “Existem estudos científicos? Quantos trabalhos científicos foram feitos sobre esse remédio? Não é igual a cloroquina não, né? Que ninguém tinha certeza pois não havia estudos consistentes, apesar de que as pessoas estavam melhorando rapidamente enquanto tomavam...” (*sic*). Em outra matéria, sobre a cura de uma idosa de 90 anos, divulgada pelo G1, em 14 de maio⁵, Guilherme evidenciou sua desconfiança: “Gente só porque está aqui não significa que é verdade procurem outras fontes de confirmem” (*sic*). Por outro lado, a leitora Andreia defendeu a matéria: “[...] Gente pelo amor de Deus, são vidas perdidas, não são notícias falsas, é só irem na página oficial do #ministériodasaúde que vocês verão que são reais” (*sic*). Outras 459 pessoas reagiram de forma positiva ao apelo de Andreia, que obteve esse número de curtidas.

A partir da análise dos elementos discursivos desses internautas, fica evidente o sentimento predominante de desconfiança de quem está exposto a esse

3 A farsa dos caixões vazios usados para minimizar mortes por covid-19. Disponível em: <https://www.facebook.com/bbcnewsbrasil/posts/10157259252387816>. Acesso em: 9 jun. 2020.

4 Seis Estados investigam 500 mortes suspeitas por coronavírus; enterros foram realizados sem laudo. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/4136528136362217>. Acesso: 2 abr. 2020.

5 Curada da Covid-19, idosa de 90 anos é aplaudida ao deixar hospital do interior de SP. Disponível em: <https://www.facebook.com/g1/posts/3959458487439540>. Acesso em: 15 maio 2020.

tipo de informação. As omissões, distorções e invenções de informações provocam um ceticismo generalizado com relação às verdades apresentadas, contribuindo ainda mais com o aumento do sofrimento provocado pela pandemia.

A postagem de Henrique é uma síntese dos sentimentos compartilhados. Na publicação da BBC NEWS, de 13 de maio, sobre vídeos falsos de caixões vazios, ele diz que as *fake news* contribuem ainda mais para o aumento do caos e que “já é difícil a perda por si só, sem poder se despedir, ver pela última vez, fica mais complicado” (*sic*).

Souza (2020) afirma que a disseminação de *fake news* durante a pandemia circula à margem dos órgãos de imprensa convencionais, divulgadas por meio das redes sociais. Logo, como é possível identificar nos comentários, até mesmo os veículos convencionais tornam-se alvo da desconfiança do público em relação à veracidade dos conteúdos apresentados.

O estudo chinês, citado anteriormente, evidenciou a forte correlação entre o uso intenso de mídias sociais, durante a pandemia, e problemas de saúde mental, devido às notícias falsas que circulam por essas plataformas (GAO, 2020). O principal objetivo da invenção de notícias falsas consiste em “confundir e desinformar o público em geral, para que dessa forma, alguém possa se beneficiar da desinformação” (SOUZA, 2020, p. 18). Depois de divulgados, esses conteúdos são repassados por pessoas que muitas vezes não possuem capacidade crítica para perceber essas intenções e inverdades. As informações falsas apresentam um grande risco para o combate à doença, uma vez que produzem significados na mente das pessoas e influenciam comportamentos, como a resistência de alguns indivíduos que, ao minimizarem os efeitos da pandemia, se recusam a cumprir os decretos de isolamento social (ITÁLIA..., 2020).

As principais notícias falsas divulgadas na pandemia, apontadas pela pesquisa de Souza (2020), estão relacionadas ao uso de medicamentos com eficácia não comprovada, de forma a gerar uma reação favorável ao fim do isolamento e retomada da economia. Nesse caso, tinham o objetivo de

atender aos interesses de certa lógica capitalista, que prioriza o lucro em detrimento de vidas.

A desconfiança com relação aos dados apresentados pode levar a população a minimizar os riscos reais da pandemia. Porém, Brooks *et al.* (2020) destacam a importância de oferecer o máximo de informações precisas sobre os aspectos envolvendo a covid-19, pois a desinformação também pode ocasionar interpretações catastróficas acerca de qualquer sintoma vivenciado durante o isolamento, provocando um cenário de medo.

Em matéria divulgada pela Veja, em 27 de abril⁶, sobre alguns tipos sanguíneos estarem mais vulneráveis a contrair a doença, a internauta Karen expressa essa preocupação ao dizer: “O pior são as pessoas comentando que é *fake news*! O índice aumentou porque temos mais testes, mesmo assim tem lugares que não conseguem fazer e não estão diagnosticando. Mesmo que vcs não acreditem!” (*sic*). Como solução para combater as *fake news*, Souza (2020) aponta a importância da mídia convencional para esclarecer as informações verdadeiras, uma vez que ela tende a possuir maior compromisso com a verdade, por ser mais regulada, podendo ter sua reputação prejudicada caso dissemine notícias falsas.

O pânico gerado pelas notícias sensacionalistas

Além da falta de confiança com relação às informações acessadas, outro conteúdo frequente entre as reações dos internautas é o pânico gerado pelas matérias sensacionalistas sobre a pandemia. Em seu estudo sobre a produção do discurso de informação em um jornal sensacionalista, Pedroso (1983) define o termo sensacionalista como um discurso exagerado e excessivo, repleto de elementos desproporcionais que capturam o leitor pela emoção. Palavras referidas pelos próprios internautas foram utilizadas para representar

6 Estudo busca relacionar tipo de sangue ao risco de contrair Covid-19. Disponível em: <https://www.facebook.com/veja/posts/10157946016465617>. Acesso em: 28 abr. 2020.

essa reação: horror; horrível; terror; medo; amedrontar; tristeza; chocada; pânico; terrorismo; aterrorizados.

Uma matéria, divulgada pelo Estadão Conteúdo, em 02 de abril⁷, com a manchete “Equador não consegue recolher os corpos de vítimas do coronavírus”, obteve 9,8 mil curtidas e 3.381 compartilhamentos. Cabe aqui descrever a imagem que anuncia a reportagem: um homem de uniforme azul tapando um corpo deitado na rua com uma lona, perto dele passam carros e pessoas. Entre os comentários, há expressões como: “que tristeza em ler essa notícia”, “que Deus tenha misericórdia de nós”, e outras como “a mídia insiste em fazer terrorismo”.

A internauta Paula registrou seu horror ao ler a matéria: “Meu Deus fiquei chocada com que vi no jornal, corpos e corpos nas ruas, nas casas e acumulado um por cima do outro meu Deus tenha misericórdia do povo do Equador e do povo brasileiro” (*sic*). Seu comentário obteve 123 curtidas.

Outra reportagem divulgada em 20 de abril⁸, pela BBC News Brasil, estampa a fala de uma médica no título “‘Desligo os respiradores e os ajudo a morrer em paz’: relatos de uma UTI com pacientes de covid-19”. Entre as reações, Rita registra seu sofrimento, que foi validado por 46 curtidas: “meu coração se encheu de tristeza”. Já o comentário de Marcelo representa uma síntese das centenas que ali expressavam um misto de horror e indignação com o conteúdo das matérias. “Sabe aquela reportagem que não acrescenta em nada... só ajuda a criar pânico na sociedade???? É essa reportagem... sem amor nenhum ao próximo...” (*sic*).

Outras matérias analisadas nessa categoria enfatizavam o número crescente de mortes e o colapso no sistema público de saúde. Os comentários continham

7 Equador não consegue recolher os corpos de vítimas do coronavírus. Disponível em: <https://www.facebook.com/estadao/posts/4135593039789060>. Acesso em: 2 abr. 2020.

8 “Desligo os respiradores e os ajudo a morrer em paz”: relatos de uma UTI com pacientes de covid-19. Disponível em: <https://www.facebook.com/bbcnewsbrasil/posts/10157194107917816>. Acesso em: 20 abr. 2020.

expressões como: “A mídia insiste em fazer terrorismo”, “As pessoas vão ficar mais aterrorizadas ainda”, “meu coração se encheu de tristeza”, “que triste”, “Que horror”, “Pelo amor de Deus e ao próximo, saibam usar as palavras de forma correta” (*sic*), entre outras.

Um relato chama a atenção; nele, é afirmado que, ao divulgar esse tipo de notícias, a imprensa teria sido responsável por um suicídio: “Sábado uma mulher cometeu suicídio junto com seu filho. Culpa dessa associação criminosa chamada imprensa. Todos os dias ficam com essas reportagens malditas” (*sic*). No conteúdo divulgado pela BBC News, em 16 de abril⁹, intitulado “Modelo matemático aponta colapso no sistema de saúde a partir desta semana”, Jaime foi categórico ao apresentar sua explicação sobre o modelo em questão e fazer sua crítica: “Penso que os jornalistas deveriam terem a humildade de perguntarem a várias pessoas com formação em estatística antes de divulgarem um estudo alarmista deste” (*sic*). Diferente da crítica anterior, bem embasada; na sequência identificamos o relato de Matheus, carregado de exclamações e sem a preocupação em contextualizar o que é dito, apenas registra: “Falaram isso semana passada. Colapso!!! Tua avó vai morrer! Terror!” (*sic*).

Por outro lado, algumas pessoas se manifestam favoráveis a esse tipo de matéria, como fica evidente no comentário de Viviane, “Que situação horrível. Chorei lendo a matéria, mas muitas precisavam ler, ou melhor, VER pessoalmente essa situação, para ver se despertam para a realidade e tenham um pouco de empatia...” (*sic*), e de Anelise, “Precisa amedrontar sim pq a população está brincando com a vida” (*sic*). Aqui o discurso pró exagero é entendido como uma tentativa de induzir o medo na população e como uma forma de educar ou conscientizar sobre o cuidado necessário.

Essa reação de pânico pode ser tanto uma consequência natural da exposição constante às informações sobre doença e morte, como um reflexo de um

9 Modelo matemático aponta colapso do sistema de saúde a partir de 21 de abril. Disponível em: <https://www.facebook.com/bbcnewsbrasil/posts/10157193965757816>. Acesso em: 17 abr. 2020.

jornalismo sensacionalista, que, para capturar a atenção dos leitores, enfatiza esse tipo de temática. Independentemente da causa, ficam evidentes os sentimentos de insegurança e o medo gerados a partir do acesso aos conteúdos jornalísticos.

De acordo com Wilson e Chen (2020), mais rápida que a disseminação do coronavírus, foi a velocidade com que o pânico se espalhou pelas redes sociais. O medo em excesso leva indivíduos a interpretar informações de forma distorcida, considerando-as exageradamente ameaçadoras (OLIVEIRA, 2011) ou adotando comportamentos mal adaptativos, com possíveis consequências pessoais e coletivas (KNAPP, 2009).

Alguns desses comportamentos, e suas possíveis consequências, podem ser representados pelos episódios da falta de estoque de alimentos, no início do isolamento (CHIARA, 2020), assim como o uso de medicações sem comprovações científicas para prevenção e tratamento. No Brasil, a busca por esses medicamentos gerou escassez nas farmácias, além de efeitos colaterais, como intoxicações e óbitos (LUCCHETTA; MASTROIANNI, 2020).

O acesso à informação de qualidade é imprescindível para que a população não entre em pânico diante dos riscos existentes na pandemia. Entretanto, os conteúdos oferecidos precisam estar comprometidos com a verdade, ser claros e ponderados, sem sensacionalismo alarmista. Considerando o cenário de excesso de informações sobre a pandemia, o Ministério da Saúde orientou sobre a importância de limitar o acesso aos conteúdos midiáticos desse assunto, como uma estratégia de cuidado psíquico (BRASIL, 2020b).

Considerações finais

Com base nos dados apresentados, foram identificados elementos que representam os impactos das mídias digitais na saúde mental de brasileiros expostos à pandemia. Entre eles, destacam-se a desconfiança nas informações relacionadas à covid-19 e o medo provocado pelas notícias de cunho negativo, como mortes e sofrimento.

A percepção dos internautas de que alguns fatos são omitidos, inventados e distorcidos, assim como a sensação diante da leitura dos conteúdos negativos da pandemia, despertam emoções e produzem cognições relacionadas a medos e inseguranças, que interferem na tomada de decisões. Como consequência, podem surgir comportamentos potencialmente prejudiciais ao combate da doença.

Diante desse cenário, alguns meios possíveis para prevenir os impactos negativos são a divulgação responsável e ponderada de informações por parte dos veículos de informação, além da necessidade de educar a população para o melhor uso das mídias digitais durante a pandemia. É necessário disponibilizar informações sobre fontes seguras, sobre a necessidade de leitura crítica do material acessado e também sobre a limitação do acesso a certos conteúdos que possam se tornar gatilhos para o sofrimento emocional.

É importante ressaltar o caráter reflexivo das postagens que reagem às notícias, presente com gradientes variados em todas as categorias. Diferentemente da tendência em outras plataformas digitais, em que se promove a maquiagem de uma vida feliz e bem-sucedida, nos comentários das reportagens encontramos outro tipo de exposição mais crítica, nos quais internautas expressam seus pensamentos e sentimentos mais genuínos sem muitos filtros. Uma hipótese da motivação desse fenômeno é o anonimato oferecido no campo de comentários em uma notícia, pois não existe um vínculo afetivo entre as pessoas que ali se expressam, não havendo a necessidade de manter uma determinada imagem. Além disso, supõe-se uma certa parcialidade ideológica das páginas jornalísticas, o que convida o leitor a expressar suas diversas opiniões, sem precisar confirmar o que foi dito pelo conteúdo jornalístico.

Como limites desta pesquisa, é possível destacar o pequeno número de postagens e comentários analisados, sendo difícil, a partir dessas percepções, realizar afirmações mais categóricas sobre os efeitos reais das mídias. Ademais, este estudo foi feito em um período inicial da pandemia, quando muitas pessoas ainda se mostravam incrédulas sobre a dimensão do que

estava acontecendo. Dessa forma, recomenda-se que pesquisas futuras possam expandir a análise dessas interações, de maneira a contemplar mais sujeitos e outros momentos da pandemia, no sentido de avaliar quais outras inquietações emergem desse campo de análise.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. **Covid-19 no Brasil**. Ministério da Saúde, 21 jun. 2020a. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html#/dashboard/. Acesso em: 22 jun. 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: Recomendações Gerais**. Ministério da Saúde, 2020b.
- BEDFORD, Juliet *et al.* COVID-19: towards controlling of a pandemic. **The lancet**, v. 395, n. 10229, p. 1015-1018, 2020.
- BROOKS, Samantha K. *et al.* The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The lancet**, v. 395, n. 10227, p. 912-920, 2020.
- CHIARA, Márcia. Com corrida às compras, supermercados já têm redução de produtos. **Estadão Conteúdo**, São Paulo, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,com-corrida-as-compras-supermercados-ja-tem-reducao-de-produtos-nas-prateleiras,70003238741>. Acesso em: 3 abr. 2020.
- DA SILVA, Antônio Geraldo *et al.* Mental health: why it still matters in the midst of a pandemic. **Brazilian journal of psychiatry**, v. 42, n. 3, p. 229-231, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/5NkrjxyF9PYRQmYbGXyX5bw/?format=html>. Acesso em: 16 abr. 2020.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GAO, Junling *et al.* Mental health problems and social media exposure during COVID-19 outbreak. **Plos one**, v. 15, n. 4, 2020.
- ITÁLIA aplica mais de 27 mil multas por violações de quarentena. **EFE**, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://www.efc.com/efe/brasil/mundo/italia-aplica-mais-de-27-mil-multas-por-viola-es-quarentena/50000243-4198982>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- KNAPP, Paulo. **Terapia cognitivo-comportamental na prática psiquiátrica**. São Paulo: Artmed Editora, 2009.
- LUCCHETTA, Rosa Camila; MASTROIANNI, Patrícia de Carvalho. Rational use of chloroquine and hydroxychloroquine in times of COVID-19. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, v. 40, p. 1-5, 2020. Disponível em: <https://rcfba.fcfar.unesp.br/index.php/ojs/article/view/653>. Acesso em: 18 abr. 2020.

MACEDO, Yuri Miguel *et al.* COVID–19 NO BRASIL: o que se espera para população subalternizada? **Revista Encantar: Educação, Cultura e Sociedade**, v. 2, p. 1-10, 2020.

MOUKADDAM, Nidal; SHAH, Asim. Psychiatrists beware! The impact of COVID-19 and pandemics on mental health. **Psychiatric Times**, v. 37, n. 3, 2020.

OLIVEIRA, Maria Ines Santana de. Intervenção cognitivo-comportamental em transtorno de ansiedade: relato de caso. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 7, n. 1, p. 30-34, 2011.

PAINEL CORONAVÍRUS 2020. Brasil (atualização diária). Brasil. Recuperado de: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 31 maio 2020.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A produção do discurso de informação num jornal sensacionalista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983.

PRADO, José Luiz Aidar. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: EDUC-Editora da PUC-SP, 2013.

RIBEIRO, Carolina. Conheça as redes sociais mais utilizadas no Brasil e no mundo em 2018. **Techtudo**, 15 fev. 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/02/conheca-as-redes-sociais-mais-usadas-no-brasil-e-no-mundo-em-2018.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2020.

SILVA, Cláudio; TAVARES, Margarida. Da emergência de um novo vírus humano à disseminação global de uma nova doença. **Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto**, 27 fev. 2020. Disponível em: <http://asset.youoncdn.com/ab296ab30c207ac641882479782c6c34/1a604850da3580f59978bf60ccea04b1.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2020.

SOUZA, Nayara Iris Silva. A disseminação de fake news no caso do coronavírus (COVID-19): uma análise discursiva. **Revista Memento**, v. 11, n. 1, 2020. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/6123>. Acesso em: 5 maio 2020.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005. Acesso em: 20 abr. 2020.

WILSON, Mary E.; CHEN, Lin H. **Travellers give wings to novel coronavirus (2019-nCoV)**. 2020. Disponível em: <https://academic.oup.com/jtm/article/27/2/taaa015/5721275>. Acesso em: 12 abr. 2020.